



Ensino de Música nos Institutos Federais: Um relato da experiência no Instituto Federal do Piauí *campus* Uruçuí

Patricia Fernanda da Paixão e Oliveira
Instituto Federal do Piauí (IFPI) campus Uruçuí
patricia.paixao@ifpi.edu.br

Introdução

Os Institutos Federais são instituições de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), criados a partir da Lei nº 11.892/2008. Esta criação se deu a partir de um modelo de Educação Profissional e Tecnológica que tem o intuito de “promover a integração e a verticalização da Educação Básica à Educação Profissional e Educação Superior” (cf. inciso III, do art. 6o, da Lei 11.892/2008).

No contexto da Educação Profissional e Tecnológica dos Institutos Federais, o ensino de música é realizado de variadas formas. Em pesquisa realizada em 2016, Kandler relaciona, por meio da revisão bibliográfica realizada, estudos provenientes de relatos de experiência e projetos de pesquisa-ação em geral, que acontecem em diferentes partes do país. Em alguns Institutos, a música está presente nos cursos integrados ao ensino médio, na modalidade de educação de jovens e adultos (PROEJA), em cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC), no curso técnico de instrumento musical e cursos de licenciatura em música. O Instituto Federal do Piauí (IFPI) possui em seu quadro professores de música que atuam tanto no curso técnico em Instrumento Musical, no *campus* Teresina Central, quanto no ensino de Arte-Música nos demais *campi*.

Este relato de experiência tem como objetivo geral descrever como foram implementadas as atividades de ensino na área de música no IFPI *campus* Uruçuí, localizado a 490 km de Teresina, focando, prioritariamente, no desenvolvimento das atividades teóricas e práticas relacionadas ao canto coral e ao ensino coletivo de flauta doce. As atividades foram embasadas nos estudos de Beineke (2003), França (2008), Swanwick (2008), dentre outros. O relato corresponde ao período que vai de agosto de 2018 até dezembro de 2019.



I Encontro de Educação Musical do Piauí:
Diálogos, culturas e desafios regionais
IV Semana da Música do IFPI
Universidade Federal do Piauí/ Instituto Federal do Piauí
Teresina/ Piauí – 23 a 27 de novembro de 2020



Relato

Os professores da área de música do EBTT do IFPI estão aptos a lecionar a disciplina Arte-Música, a realizar pesquisas e a desenvolver cursos e projetos de ensino e extensão, envolvendo estudantes do ensino médio, da graduação e da comunidade em geral. No IFPI-Uruçuí, as primeiras atividades nesse campo tiveram início em 2018, com a nossa chegada àquela instituição.

Por conta do pioneirismo, definimos a trajetória a ser seguida com certa liberdade, tendo em vista que não havia uma prática curricular já estabelecida na instituição. É certo que nossa responsabilidade aumentou consideravelmente, pois era necessário abrir caminhos. Antes de iniciar o trabalho, em agosto de 2018, fizemos, então, um levantamento do que seria necessário para a implementação de propostas na área do ensino de Música. De imediato, as práticas coletivas, e que demandam poucos recursos, foram a melhor opção. Propusemos a formação de turmas de prática coral e a realização de um curso de flauta doce com os alunos, razão pela qual a instituição adquiriu 40 flautas doces do tipo soprano, que foram utilizadas num curso de iniciação musical.

A nossa preocupação, a priori, era abarcar a maior quantidade de estudantes possível, integrando os alunos do ensino médio, técnico subsequente e dos cursos superiores. Para isso, oferecemos duas turmas de prática coral, que se encontravam duas vezes por semana. A primeira era voltada para os alunos do ensino médio e a segunda para os alunos dos cursos superiores. Essa separação foi necessária, visto que os horários do público-alvo não coincidiam. A turma de prática coral, voltada para o ensino médio/técnico, ensaiava no turno da noite, das 18h30 às 20h30, enquanto a do ensino superior encontrava-se à tarde, apenas uma vez por semana. A maior quantidade de inscrições foi para a turma do ensino médio, que contou com cerca de 40 participantes. Nessas turmas, exploramos um pouco de tudo. Para a maioria dos participantes, aquela seria uma experiência pioneira. Alguns deles já cantavam em igrejas. Contudo, a maioria era de entusiastas, de pessoas que gostariam de ter algum tipo de experiência sistemática em música. A nossa intenção era promover uma prática que envolvesse diversos aspectos da aprendizagem musical e que não se limitasse ao treinamento do repertório para apresentações.



A dinâmica estabelecida para os encontros seguia o padrão comumente adotado por grupos corais, incluindo o aquecimento corporal/vocal, por meio de exercícios de alongamento, respiração e execução de vocalizes. O repertório também foi usado com finalidades pedagógicas, pois, tal como aponta Costa (2017, p. 54), acreditamos numa “proposta de educação através do canto coral”. Dessa forma, trabalhamos canções em uníssono, como a *Minha canção*, de Chico Buarque, e, mais adiante, cânones a duas vozes, como *Baião de Ninar*, de Edino Krieger, sempre com acompanhamento harmônico, realizado ao teclado ou violão. No processo de aprendizado dessas canções, mesclamos a aprendizagem por repetição com a leitura da partitura, abordando a teoria musical em função da prática.

Como já era esperado, logo fomos requisitados para cantar na abertura de vários eventos na instituição, o que não consideramos um aspecto negativo, pois a preparação para uma apresentação, conforme relata Andrade (2003, p. 84), “pode servir de motivação para o aprendizado, concretizado de uma forma artística”. Para essas apresentações, as duas turmas ensaiaram juntas, apresentando-se conjuntamente durante o recital. Dessa maneira, os alunos foram se engajando gradualmente no processo, razão pela qual considero que esse primeiro contato foi extremamente positivo.

Fundamentalmente, os participantes absorveram conceitos básicos de forma prática, cantando, assim como tiveram a oportunidade de se apresentar em diversas ocasiões durante o semestre. Dentre essas apresentações, destacamos o “Dezembro Natalino”, que consistiu na preparação de um repertório que foi compartilhado com a comunidade nas principais igrejas da cidade e no município vizinho, Benedito Leite - MA. Essas apresentações fizeram com que as turmas de prática coral se tornassem conhecidas entre a população. Esse dado merece destaque, porque o *campus* do IFPI fica localizado a 8km do centro de Uruçuí. Como não há transporte coletivo/público até lá, o acesso da comunidade às atividades realizadas na instituição é limitado. O “Dezembro Natalino” gerou uma repercussão, em certa medida, inesperada, mobilizando vários moradores, de comunidades distintas, que, por meio das redes sociais, relataram suas impressões sobre a iniciativa, como podemos observar:

Lindo e emocionante o trabalho de toda equipe do coral, que mais oportunidades como essa possam aparecer em nossa cidade. Parabéns a todos os envolvidos (MARTINS, 2018).



I Encontro de Educação Musical do Piauí:
Diálogos, culturas e desafios regionais
IV Semana da Música do IFPI
Universidade Federal do Piauí/ Instituto Federal do Piauí
Teresina/ Piauí – 23 a 27 de novembro de 2020



A apresentação foi linda. Amei ver essa iniciativa do IFPI em nossa cidade (BORGES, 2018).

A cultura precisa ser resgatada e incentivada na cidade de Uruçuí de um modo geral (LIMA, 2018).

Em 2019, encontramos um horário comum para as turmas de prática coral, transformando-as no Coral do IFPI *Campus* Uruçuí, projeto de extensão que contava, agora, com cerca de 30 participantes. O coral manteve seus ensaios-aulas regulares, duas vezes por semana, bem como continuou realizando apresentações públicas durante todo o ano. Novamente, encerramos a temporada com o “Dezembro Natalino”, com apresentações em diversos locais da cidade e, também, na cidade de Oeiras - PI, a convite da professora Mísia Tavares, do IFPI daquele município.

FIGURA 1- Cartazes de divulgação do evento Dezembro Natalino



Fonte: Acervo da pesquisadora

Esse intercâmbio foi uma experiência ímpar para os alunos. A maioria deles nunca havia saído da cidade, e a viagem para Oeiras, uma cidade histórica, a primeira capital do estado, proporcionou um momento de imersão cultural e artística bastante significativa para todos, de modo geral. Além de nos apresentarmos no anfiteatro da cidade, no dia seguinte à apresentação fizemos uma visita guiada, conhecendo importantes pontos da história do Piauí.

O auge desse momento foi assistir à apresentação da Orquestra de Bandolins de Oeiras, que realizou um concerto didático e particular para os participantes do coral. O relato de duas participantes do grupo mostra o impacto de tais iniciativas. Sara diz que:

Em 2018, quando foi lançada a proposta de se participar de um coral, eu e meus amigos não nos agradamos muito, até porque a gente achava que era complicado, não tínhamos experiência em nada, às vezes em que a gente cantava no IFPI era cada um por si, nada sincronizado. Enfim, com o tempo e as aulas, de gostar, acabamos amando fazer parte daquele grupo, dos momentos de ensaios e até mesmo ter prazer em aprender novas músicas, novos ritmos ou até mesmo novas formas de misturar nossas vozes, ali. Você percebe que já tá tão envolvido com o coral quando não se preocupa se sua voz tá bonita, tá aparecendo mais que as outras ou não, mas sim se está acompanhando cada compasso junto com seus colegas e deixando todas aquelas vozes se transformarem só em uma. (OLIVEIRA, 2020).

Especificamente sobre a viagem para Oeiras, Ana Clara observa:

O meu primeiro pensamento, quando foi falado em viajar, foi logo de que eu não conseguiria e que iria passar vergonha, mas aí vieram os ensaios e o negócio começou a andar. Pensei que a viagem não sairia por conta das dificuldades financeiras, etc. Quanto à apresentação, depois que tudo começou a correr bem, foi um sucesso, simplesmente maravilhosa. Fomos bem recepcionados do começo ao fim da estadia; Professora Patrícia nos preparou bem e fez com que nossa apresentação superasse todas as expectativas, pra quem nunca tinha conhecido um teatro, muito menos se apresentado em um, foi uma realização. O passeio pela cidade foi como um sonho, ver ao vivo e a cores aquilo que eu só via nos livros, uma cidade maravilhosa, foi um sonho realizado. (VARÃO, 2020).

Além da prática coral, duas turmas de iniciação musical através da flauta doce também foram oferecidas no mesmo esquema, visando a oportunizar o curso a todos os alunos da instituição. Foi uma realidade nova, porém familiar, pautada em outras experiências. Em anos anteriores, quando trabalhamos com os alunos da Educação Infantil, no Instituto Dom Barreto e no Madre Villac, em Teresina, foi possível aprofundar-se no desenvolvimento de estratégias de ensino para uma faixa etária bem específica, sobretudo as crianças em processo de letramento. Na Escola de Música de Teresina, por outro lado, tivemos a oportunidade de lecionar teoria e percepção musical para o público infanto-juvenil e idosos. Agora, em Uruçuí, seria a chance de trabalhar com adolescentes e jovens.

Para as turmas de flauta doce, não adotamos nenhum método específico. A essa altura, devido às vivências acumuladas, conhecíamos inúmeros métodos para introduzir a técnica instrumental. No entanto, novamente tivemos a oportunidade de transformar esse



momento em uma experiência com ensino e aprendizagem de música mais completa. O público-alvo era novo: adolescentes entre 14 e 17 anos que esperavam ansiosos por aquela que, para a maioria, como já dito, seria a primeira aula de música. Dessa forma, seguir um método específico não seria aconselhável nessa tarefa, visto que “a aprendizagem musical acontece por meio de um engajamento multifacetado: solfejando, praticando, escutando os outros, apresentando-se, integrando ensaio e apresentações em público com um programa que também integre a improvisação” (SWANWICK, 1994, p. 7).

Para essas aulas, evitamos reproduzir o modelo empregado previamente, como discente, na EMT, espaço no qual as aulas teóricas eram dissociadas das aulas práticas, e nas quais um conteúdo programático específico, na maioria das vezes, não era vivenciado. Corroborando com o que diz Beineke (2003, p. 88), os conteúdos trabalhados nas aulas que ministramos no IFPI-Uruçuí, foram diretamente relacionados ao repertório e o centro do trabalho foi o próprio fazer musical.

As primeiras aulas foram dedicadas à aprendizagem da digitação das notas da primeira oitava na flauta doce soprano. De acordo com Pedrini e Silva (2011, p. 2360), “cada um de nós possui algumas músicas que considera interessantes para esse primeiro contato com o instrumento”. No entanto, partindo das experiências anteriores, o que tínhamos disponível era um repertório de músicas infantis oriundas de diversos métodos. Inicialmente, a abordagem desse repertório nem os assustou nem os motivou, muito embora a desistência de alguns alunos, por exemplo, tenha chamado a nossa atenção. Todavia, os que continuaram, no decorrer das aulas e à medida em que desenvolviam as habilidades motoras para tocar o instrumento, adquiriram autonomia no processo de aprendizagem. De modo geral, a cada aula éramos surpreendidos com as músicas que eles passaram a “tirar” de ouvido, permanecendo engajados na proposta.

Transcorridos três meses de aula, propus que fizéssemos uma apresentação pública. Eles ficaram muito receosos quanto à plateia que os assistiria e não quiseram apresentar-se para os colegas da mesma faixa etária. Assim, resolvemos nos apresentar para turmas de educação infantil. Visitamos duas escolas, sendo uma pública e outra particular, executando *Marcha soldado*, *Brilha Brilha Estrelinha*, *Atirei o pau no gato*, *Borboletinha*, entre outras peças. Apesar de ser a primeira apresentação tocando flauta doce, e pelo fato de o público ser



infantil e o repertório ser condizente com tal contexto, foi um momento de muita felicidade, de objetivos alcançados. Eles estavam tranquilos e a forma como a apresentação foi conduzida proporcionou um entrosamento imediato entre os intérpretes e as crianças.

Finalmente, ao longo do ano de 2019, trabalhamos outros conteúdos musicais através do repertório que selecionamos conjuntamente e que, quase sempre, era de música popular. A seleção da literatura a ser interpretada não é uma tarefa das mais fáceis, podendo comprometer diretamente a motivação dos alunos e, conseqüentemente, o resultado final do processo educativo.

Conclusão

Como sabemos, a aprendizagem musical depende de uma série de fatores, incluindo aspectos afetivos e motivacionais. O depoimento das duas participantes, por exemplo, mostra que um processo de conquista foi realizado, e que o estabelecimento de uma relação afetiva com os educandos foi de suma importância para a consecução das metas e dos objetivos propostos, pois, uma vez que, conectados ao universo dos estudantes, pudemos desafiá-los, envolvendo-os no processo e fortalecendo suas crenças de autoeficácia, que consistem na avaliação que cada um faz de suas próprias capacidades e que são fundamentais para atingir sucesso no processo educativo-musical.

Ao tempo que nossa experiência com a implementação de atividades pedagógico-musicais no *campus* Uruçuí, na área do canto coral e através do ensino coletivo de flauta doce, foi exitosa, ainda há um caminho longo a ser percorrido. As propostas de aprendizagem exigem adequações e é preciso que nós, como educadores, ampliemos a perspectiva da nossa responsabilidade, quer seja refletindo, avaliando, monitorando ou regulando sistematicamente as etapas da nossa ação pedagógica. Finalmente, pretendemos realizar outros estudos na área, sobretudo desenvolvendo materiais didáticos e repertório para a prática que coordeno atualmente no IFPI *Campus* Uruçuí.

Referências

ANDRADE, Margaret Amaral de. **Avaliação do Canto Coral:** Critérios e Funções. In: HENTSCHKE, Liane; SOUZA, Jussamara. *Avaliação em Música: reflexões e práticas*. São Paulo: Moderna, 2003.



I Encontro de Educação Musical do Piauí:
Diálogos, culturas e desafios regionais
IV Semana da Música do IFPI
Universidade Federal do Piauí/ Instituto Federal do Piauí
Teresina/ Piauí – 23 a 27 de novembro de 2020





BEINEKE, Viviane. **O Ensino de Flauta Doce na Educação Fundamental.** Ensino de música propostas para pensar e agir em sala de aula. HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana. Org. São Paulo: moderna, 2003.

BRASIL. Lei no 11.892, de 29 de dezembro de 2008. **Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências.** Brasília, 2008.

COSTA, Patricia Soares Santos. **Características do repertório para coro juvenil:** verificação de especificidades. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, 2017

KANDLER, Maira Ana. **A música nos Institutos Federais de Ciência e Tecnologia:** uma revisão de literatura. Anais do XVII Encontro Regional sul da ABEM. Curitiba, 2016.

PEDRINI, Juliana Rigon; SILVA, Rafael Rodrigues. **Uso da flauta doce no ensino médio:** Relato de experiência sobre a escolha de repertório na educação musical. Anais do XX Congresso Nacional da ABEM. Vitória, 2011.

SWANWICK. Keith. **Ensino instrumental enquanto ensino de música.** Cadernos de Estudo: Educação Musical, São Paulo, Atravez, n.º 4, p.7-14, 1994.



I Encontro de Educação Musical do Piauí:
Diálogos, culturas e desafios regionais
IV Semana da Música do IFPI
Universidade Federal do Piauí/ Instituto Federal do Piauí
Teresina/ Piauí – 23 a 27 de novembro de 2020

